REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 320

11 DE NOVEMBRO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

INAUGURAÇÃO DAS OBRAS DO PORTO DE LISBOA

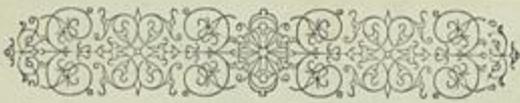
EMYGDIO NAVARRO

Ministro das Obras Publicas

JOÃO VERISSIMO MENDES GUERREIRO

Engenheiro director e fiscal das obras

HERSENT

Empreiteiro das obras

CHRONICA OCCIDENTAL

A Sociedade de Geographia de Lisboa acaba de realisar, com notavel imponencia, uma sessão solemne de homenagem á memoria do seu illustre presidente, do glorioso sabio, e benemerito estadista Antonio Augusto de Aguiar.

Essa sessão, que foi extraordinariamente concorrida, teve um caracter perfeitamente novo entre nós, e inicia uma nova especie de consagrações funebres, de homenagens a mortos illustres, muito mais logicas, muito mais apropriadas das que até agora em uso em Portugal.

Até hoje essas homenagens, perfeitamente mundanas, aos nossos mortos illustres, realisavam-se sempre sob a fórma de exequias religiosas.

Pondo de parte completamente a questão levantada desastradamente pelo sr. patriarcha de Lisboa, por occasião da morte de Antonio Augusto de Aguiar, questão a que largamente nos temos referido, e que por ventura contribuiu para a homenagem imponente e nova em Portugal, que acaba de ser prestada á memoria saudosa do grande homem de sciencia morto, nós applaudimos immenso este genero de demonstrações, separadas perfeitamente do elemento religioso.

Que os catholicos, os crentes, os convictos se reunam nos seus templos, assistindo cheios de fé e de uncção religiosa ás orações lithurgicas que os sacerdotes dirigem a Deus, implorando a misericordia divina para as almas dos seus irmãos fallecidos, perfeitamente de accordo; que essas orações humildes sejam resadas perante uma multidão indifferente, que vae ao templo de Deus não para resar por alma do morto, mas simplesmente para prestar uma homenagem puramente mundana á memoria d'esse morto, ás suas qualidades, não de christão, mas sim de homem de estado, de homem de lettras ou de homem de sciencia, como até aqui era costume entre nós, não comprehendemos.

As egrejas não foram feitas para theatro de apotheoses mundanas: as cerimonias religiosas não devem servir de pretexto para demonstrações perfeitamente estranhas á religião.

Quem tem crenças, que vá lá rezar pelas almas dos seus mortos, mas que todos aquelles que querem fazer apotheoses aos homens illustres, que passaram; que querem significar publicamente a sua saudade pelo desapparecimento d'elles, a sua veneração pela memoria gloriosa que de si deixaram, não tenham que ir sem crenças e sem convicções, ajoelhar aos pés de um altar e fingir que imploram um Deus, quando simplesmente querem glorificar um homem.

Afigura se-nos ser esta a boa doutrina, a doutrina sã, a doutrina verdadeira, que deve ser perfilhada por todos, desde os mais intransigentes catholicos apostolicos romanos até aos mais ousados livres pensadores.

A egreja tem os seus varões illustres, como a patria tem tambem os seus: cada uma venera-os segundo o seu rito, cada uma glorifica-os na sua esphera propria sem necessitar de auxilio estranho.

A sessão solemne da Sociedade de Geographia, em homenagem á memoria de Antonio Augusto de Aguiar, foi o exemplo pratico e brilhante d'esta theoria profundamente justa e verdadeira.

Portugal prestou a Antonio Augusto de Aguiar, cidadão, sabio e estadista, a homenagem da sua admiração e da sua saudade, n'essa memoravel sessão funebre. Todas as classes sociaes, presididas pelo chefe do estado, estiveram representadas n'essa homenagem grandiosa — ao homem! Pela alma do catholico, os crentes tem a liberdade perfeita de supplicar o seu Deus, no recato das suas orações, no fôro intimo da sua consciencia.

A Academia Real das Sciencias, que perdeu em Antonio Augusto de Aguiar um dos seus mais illustres membros, offereceu á Sociedade de Geographia a espaçosa sala da sua bibliotheca, para n'ella se realisar essa sessão solemne, que difficilmente, pela quantidade enorme de pessoas que a ella queria assistir, podia encontrar em Lisboa salão assás vasto para se realisar.

A Sociedade de Geographia fez ornar essas salas com uma simplicidade, um bom estylo e uma imponencia do mais apurado bom gosto. Umas longas sanefas de veludo preto e de merino, ornando toda a sala, davam-lhe um aspecto grave, magestoso, funebre, mas que ao mesmo tempo nada tinha do aspecto de armação de egreja.

Quatro disticos de Camões, muito bem escolhidos nos *Lusiadas*, e bordados em grandes lettras brancas sobre uns longos pannos pretos, que cortavam pendentes a ornamentação da sala, faziam syntheticamente a biographia gloriosa do illustre morto.

Esses disticos eram os seguintes:

O HOMEM

Que tanto ó Christo! exaltas a humildade.

LUZ. VII.

O CIDADÃO

Ditosa patria que tal filho teve.

LUZ. VIII.

O ESTADISTA

Para leaes vassallos, claro espelho.

LUZ. VIII.

O ESTUDIOSO

D'est'arte se esclarece o entendimento.

LUZ. VI.

A sala era toda illuminada a luz electrica por trinta e cinco lampadas, que produziam bello effeito.

No alto da sala, erguia-se o throno real, forrado de damasco e veludo carmezim franjado a ouro, cujo docel chegava até ao tecto.

A esquerda do throno estava a mesa presidencial, á direita, em frente d'essa mesa, a tribuna destinada aos oradores.

As 8 horas e meia, tendo chegado el-rei e a familia real, o vice-presidente da Sociedade de Geographia, o sr. Francisco Maria da Cunha, abriu a sessão, em nome de el-rei, e esboçou n'um pequeno discurso as altas qualidades de espirito de Antonio Augusto de Aguiar.

Em seguida, o secretario perpetuo da sociedade, o sr. Luciano Cordeiro, leu a correspondencia relativa a essa sessão solemne, que constava, entre outros documentos importantes, de uma carta da viuva do grande homem de sciencia, cuja memoria ali se celebrava, de telegrammas e mensagens do sr. Moret, ministro de estado de Hespanha, dos nossos embaixadores em Roma e na Suecia, das direcções dos museus industriaes do Porto e Lisboa, do commissario das christandades da India e de Ceylão e de muitas sociedades scientificas estrangeiras.

O sr. conde de Ficalho, tomou em seguida a palavra, em nome da Academia das Sciencias, referindo-se em brilhante e rapida oração ás altas faculdades do homem de sciencia e do homem de estado, Antonio Augusto de Aguiar: em seguida leram allocuções, o delegado da Associação Commercial do Porto, o secretario da Associação Industrial, o presidente da Socidade Pharmaceutica. Depois, entrando-se na ordem da noite, o sr. Brito leu o seu elogio historico de Antonio Augusto de Aguiar.

Cerca da meia noite encerrou-se esta sessão memoravel, a que assistiram Suas Magestades el-rei, a rainha, principe D. Carlos, infantes D. Affonso e D. Augusto, todo o ministerio, á excepção do sr. visconde de S. Januario, que está no Minho, e do sr. Marianno de Carvalho, que está em Cascaes.

Depois de fechada a sessão, Sua Magestade a rainha desceu do throno e esteve conversando muito tempo com a viuva de Antonio Augusto de Aguiar.

A sessão foi extraordinariamente concorrida e teve um aspecto imponente, e uma alta significação.

A sala ficou exposta durante dois dias ao publico e foi muito visitada.

Na nossa ultima chronica tinhamos promettido occupar-nos hoje detidamente da inauguração das obras do porto de Lisboa, que com grande solemnidade se realisou no dia 31 do mez findo, dia dos annos de el-rei D. Luiz.

Infelizmente não podemos cumprir a promessa, porque um incommodo passageiro nos impediu de assistir a essa brilhante festa, que inaugurou a obra mais importante que n'estes ultimos annos se tem emprehendido no nosso paiz; entretanto, n'outro logar d'este numero do OCCIDENTE, os nossos leitores encontrarão noticia minuciosa da inauguração das obras do porto de Lisboa, acompanhando as gravuras relativas a esse acontecimento.

E agora terminaremos a nossa chronica occupando-nos do theatro de S. Carlos, que este anno tem tido uma concorrencia extraordinaria e encetou a sua epocha com um brilho desusado.

Fallámos já da opera de abertura — o *Fausto*, e dos artistas que n'ella se estreiaram, referindo-nos á ultima hora ao grande successo alcançado na *Sonnambula* pela cantora Emma Nevada.

Emma Nevada — do seu verdadeiro appellido Emma Wixon — é uma cantora americana, que hoje occupa no mundo musical logar proeminente entre as *virtuoses* celebres.

Logo depois dos nomes gloriosos da Patti e da Nilsson, e ao lado do nome de Marcella Sembrick cita-se o nome da illustre cantora, que este anno o publico de Lisboa tem o prazer de applaudir em S. Carlos.

Effectivamente essa nomeada é justa, e Emma Nevada é na verdade uma *virtuose* perfeitamente extraordinaria.

A sua voz, pouco volumosa, tem no registro agudo uma sonoridade maravilhosa e uma suavidade estranha, que nunca encontrámos nas notas altas das mais afamadas cantoras.

A sua agilidade excepcional, Emma Nevada junta um grande sentimento dramatico, que raras vezes é dom das cantoras ligeiras, e uma arte prodigiosa de vocalisação que faz d'ella uma *virtuose* rarissima.

O *rondó* da *Somnambula*, o brinde da *Traviata*, a aria do *Rigoletto*, foram por ella cantados maravilhosamente e tem-lhe valido ovações calorosas.

Na *Traviata*, opera em que Emma Nevada é tão completa como cantora, quanto distincta como actriz, apresentou-se pela primeira vez ao publico de Lisboa o tenor francez Talazac, que na opinião de toda a critica parisiense é hoje incontestavelmente o primeiro tenor da França.

Talazac é realmente um cantor distinctissimo, mestre consummado na arte de phrasear. A sua voz é magnifica, redonda, cheia, volumosa, d'um timbre ligeiramente barytonal; maneja-a na perfeição e sabe tirar magnificos effeitos de todas as nuances.

O publico recebeu-o com muitos applausos e se lhe não fez grandes ovações é, primeiro, porque habituado a cantores italianos, e a todos os effeitos brilhantes d'esta escola, estranha um pouco a sobriedade da escola franceza, e depois, porque a *Traviata*, em que Talazac debutou, não se presta muito ao tenor brilhar, senão pela correcção do canto, pela segurança da execução musical e dramatica, pelo acabamento perfeito do seu trabalho, qualidades artisticas sérias e notaveis que distinguem Talazac.

O maior successo de S. Carlos até agora tem sido o successo de Francisco de Andrade, no *Rigoletto*.

Esse successo foi enorme e merecidissimo, porque Francisco de Andrade, o barytono portuguez, é positivamente, sem favor algum, um grande artista em toda a excepção da palavra; e tanto assim, que tendo o *Rigoletto* sido cantado em Lisboa por grandes artistas, entre elles o Devoyod e o Aldighieri, não temos nas nossas reminiscencias de S. Carlos, nenhum Rigoletto que de longe se possa aproximar ao que nos deu o nosso illustre compatriota.

Francisco de Andrade é um mestre na arte de canto, é um artista consummado na arte de representar.

O seu Rigoletto é um verdadeiro primor como interpretação dramatica, e bastava o seu desempenho magistral do 1.º acto, para fazer a reputação de um grande actor.

O publico fez a Francisco de Andrade uma calorosa ovação, uma das maiores a que temos assistido em S. Carlos, e ainda assim n'essa ovação não houve um bocado sequer de exaggero, de favor, que se podesse tomar á conta de amisade pessoal ou de amor patrio: foi mera e simplesmente um acto de justiça, d'um publico imparcial para com um artista eminente.

Antonio de Andrade, o tenor portuguez, foi o tenor do *Rigoletto*, e cantou e representou a sua parte excellentemente, merecendo enthusiasticos applausos na ballada do 1.º acto, na *Donna i mobile*, que cantou muito bem.

Na *Aida*, em que pela segunda vez se apresentou ao publico a sr.ª Cataneo, debutou uma artista de muito merito e que tem um grande futuro no mundo theatral — a meio soprano Gabriella Figuet.

A sr.ª Figuet é uma cantora franceza da Opera de Paris, que abraçou agora a carreira italiana, e que pela primeira vez cantou em italiano o papel da Amneris, no theatro de S. Carlos.

A sua voz é lindissima, de bella qualidade, e

a formosa cantora serve-se d'ella com muita arte. Gabriella Figuet tem apenas tres annos de theatro e dentro em pouco cremos que o seu nome figurará na primeira plana no mundo lyrico contemporaneo.

No dia immediato áquelle em que estamos escrevendo—no dia 10—deve debutar n'esta epocha em S. Carlos, a grande cantora Helena Theodorini, uma das cantoras mais notaveis que tem atravessado o nosso palco lyrico, e que na epocha passada assignalou a sua passagem pelo theatro de S. Carlos por duas creações geniaes—a Giaconda e a Norma.

Theodorini debuta fazendo pela primeira vez em Lisboa a Valentina dos *Huguenottes*, em que em Hespanha alcançou ruidosos triumphos.

Raul é Talazac, que pela primeira vez representa a grande opera de Meyerbeer.

Veremos e contaremos.

A Patti, cuja vinda a Lisboa se annunciára para março, vem mais cedo: deve chegar nos principios de dezembro. A assignatura para as suas seis recitas está quasi toda tomada, restando apenas por assignar algumas cadeiras e logares de geral.

E depois digam que Lisboa é uma cidade pobre!

Gervasio Lobato.

A FAMILIA REAL NO NORTE DO REINO

IV

A inauguração da Escola Industrial «Faria Guimarães» fez-se com toda a solemnidade e na presença não só de todas as principaes auctoridades como de grande multidão de povo.

Esse acto teve logar perto das 3 horas da tarde, occupando a familia real o pavilhão que para esse fim lhe estava destinado no sitio, junto aos lavadouros, onde o edificio tem de ser erguido.

O sr. conselheiro Madeira Pinto levava em uma salva de prata um cofre do mesmo metal, contendo diversas moedas e o auto previamente assignado, bem como uma lamina com a seguinte inscripção:

«Sua Magestade el-rei o sr. D. Luiz 1.º, no dia 1 de outubro de 1887, collocou a pedra fundamental da escola de desenho Faria Guimarães.»

O sr. ministro das obras publicas entregou a el-rei uma pá com cimento o qual Sua Magestade collocou na pedra inferior e deposto tambem em uma cavidade o cofre, a pedra superior foi arreada por meio de um guincho, ao qual estavam os srs. director das obras publicas, inspector das escolas industriaes, director da construcção dos caminhos de ferro portuguezes e Victorino Larangeira.

El-rei bateu com o camartello na pedra, que ficou assente e em seguida o sr. presidente da camara municipal agradecendo a Sua Megestade a honra de ter assistido á inauguração de uma escola que tinha o nome de um dos filhos benemeritos d'esta terra, recordou que essa escola se devia á iniciativa do conselheiro Antonio Augusto de Aguiar, cuja morte se poderia considerar uma verdadeira perda nacional. Em nome da camara do Porto fez ardentes votos para que a escola que se ia estabelecer, bem como as outras de identica natureza já existentes, conseguissem realisar, em um curto periodo, a restauração das industrias nacionaes, de modo a poder assignalar-se na historia o reinado de el-rei D. Luiz como o do renascimento da industria portugueza.

Sua Magestade respondeu ser-lhe sempre agradavel associar-se a qualquer melhoramento que se realisasse n'esta cidade, esperando que a escola «Faria Guimarães» corresponderia aos altos fins para que é instituida.

Dois alumnos da escola «Faria Guimarães», entregaram bouquets á rainha e á princeza D. Amelia, terminando assim a ceremonia, depois da qual os membros da familia real se dirigiram para o edificio da Bolsa, onde foram recebidos por alguns membros da direcção.

Suas Magestades e Altezas percorreram varias dependencias do palacio, admirando sobretudo a princeza D. Amelia, que pela primeira vez alli entrava, o salão nobre e os trabalhos de marcenaria e de cantaria desseminados pelo edificio. Antes de sahirem, deixaram os seus nomes inscriptos no livro dos visitantes, assignando el-rei pelo seu neto o principe da Beira.

A familia real foi em seguida á fabrica de Fiação de Salgueiros, onde a aguardava a direcção, achando-se os operarios postados em alas desde o portão até á entrada das officinas. Suas Magestades e Altezas dirigiram-se no meio de estrepitosas acclamações para o edificio, que visitaram detidamente, vendo trabalhar as diversas machinas, que estavam todas em movimento.

A fabrica de Salgueiros, que abrange uma area de cerca da 10:000 metros quadrados, possue 11:000 fusos de fiação e 300 teares mecanicos; tem uma excellente machina a vapor da força effectiva de 280 cavallos, e occupa perto de 500 pessoas de ambos os sexos.

Ao passarem pelas officinas, os regios visitantes eram cobertos de flores lançadas pelos operarios.

El-rei desejou que lhe fossem apresentados os chefes das officinas, os quaes, comparecendo em numero de seis, Sua Magestade dirigiu-lhes palavras de incitamento declarando ao mesmo tempo que os agraciava com o habito de Christo, em premio dos seus serviços.

Tendo vindo tambem á presença de Sua Magestade a rainha sete das principaes operarias, a augusta princeza ordenou-lhes que fossem no dia seguinte ao paço, onde recompensou cada uma d'ellas com um cordão de ouro e respectiva medalha.

Suas Magestades significando aos directores da fabrica o seu louvor por tudo quanto haviam visto n'aquelle importante estabelecimento industrial, sahiram no meio de novas demonstrações de regosijo, aos quaes se uniam o estrondear dos foguetes e os sons de uma philarmonica que alli estava postada.

Como acima referimos, o principe real fôra a Mattosinhos assistir ao exercicio de brigada, a qual no regresso a quarteis passou em continencia por defronte do palacio real, a cujas janellas appareceram Suas Magestades e Altezas.

A' noite effectuou-se na Assembleia Portuense o baile offerecido a Suas Magestades.

O edificio estava exteriormente illuminado a gaz, havendo no largo da Trindade dois fócos de luz electrica, e interiormente adornado com riqueza e bom gosto, extremando-se entre os diversos aposentos o gabinete de toilette da sr.ª D. Maria Pia e da princeza Amelia, e a sala da ceia onde se ostentavam ricas peças de baixella de prata, pertencentes á familia Pereira Machado.

A familia real deu entrada nos salões cerca das 11 horas da noite.

Sua Magestade a rainha ostentava toilette de setim branco guarnecido a perolas ornando-lhe o penteado, o collo e os pulsos magnificos brilhantes e esmeraldas. Sua Alteza a princeza D. Amelia trazia vestido de setim rosa pallido com flores artificiaes e *tulle* e formosas joias. O rei e os principes trajavam casaca.

A primeira quadrilha organisou-se do seguinte modo: el-rei com a sr.ª D. Guilhermina Pereira Machado, tendo por *vis-à-vis* o infante D. Affonso com mademoiselle Ortigueira Negrão; a sr.ª D. Maria Pia, com o sr. Delfim de Lima, presidente da assembleia, tendo por *vis-à-vis* o principe real com a esposa do sr. presidente do conselho; o sr. José Luciano com a princeza D. Amelia, tendo por *vis-à-vis* o sr. governador civil com a filha mais velha do sr. conde de Samodães.

Na segunda quadrilha, apenas tomou parte a princeza D. Amelia, que dansou com o sr. dr. Oliveira Monteiro, presidente da camara, tendo por *vis-à-vis* o sr. Delfim de Lima, que dansou com a sr.ª D. Ernestina Navarro.

A' 1 hora da noite foi servida a ceia á familia real. O serviço da meza era de Sevres com faqueiro de prata e opulentos crystaes.

Terminada a ceia Suas Magestades e Altezas retiraram-se, prolongando-se até de madrugada o baile, ao qual concorreram muitas damas e cavalheiros da primeira sociedade portuense.

No domingo, 2, effectuou-se no Palacio de Crystal a solemne distribuição dos premios aos alumnos das escolas municipaes, ceremonia que se revestiu dos encantos peculiares a estas alegres festas da instrucção.

Os alumnos das escolas, com os seus respectivos pendões, encorporaram-se ao meio dia na praça de D. Pedro, seguindo para o Palacio, precedidos da banda de caçadores 9 e acompanhados dos professores e das juntas de parochia. Quasi todos elles levavam ramos de flores para offerecerem aos monarchas, vestindo de branco as alumnas premiadas de algumas das escolas.

Quando entraram na nave central, já esta se achava repleta de espectadores, entre os quaes se viam muitas senhoras, tomando logar no palco as auctoridades e corporações convidadas para o acto.

A ceremonia começou por um discurso do sr. presidente da camara, em que inaltecendo a importancia moral d'aquellas festas da instrucção, agradeceu á familia real não só a sua comparencia á solemnidade como tambem os donativos que havia feito para recompensar as alumnas distinctas.

Seguiu-se o inspector primario o sr. Simões Raposo, que se referiu a diversas leis de instrucção primaria, das quaes nomeadamente as de 1878 e 1880, muito contribuiram para a diffusão do ensino.

O sr. presidente do conselho assignalou os progressos da instrucção no Porto e louvou todos os obreiros que têem collaborado n'esta obra de civilisação e progresso.

Deu-se em seguida começo á distribuição dos premios. O numero dos premiados era de 240, mas apenas se fez a distribuição aos alumnos distinctos, em numero de 31.

Sua Magestade a rainha ao passo que entregava a cada alumna um exemplar dos «Contos para nossos filhos,» do sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e que constituia o premio da camara municipal, brindava-as com um collar de ouro com uma cruz do mesmo metal, encerrado em uma pequena caixa, beijando ao mesmo tempo as agraciadas.

Pela sua parte el-rei brindou os alumnos com um relogio de prata e corrente de ouro.

Além d'estes donativos, a sr.ª D. Maria Pia deu ordem para se fazerem cem vestuarios para outros tantos alumnos de ambos os sexos, dos mais pobres, das differentes escolas municipaes, recommendando que esses vestuarios se confeccionassem na officina de S. José.

O principe D. Carlos e a princeza D. Amelia entregaram a dois alumnos distinctos da escola parochial de Lordello do Ouro, dois premios de 10$000 réis cada um, instituidos pela respectiva junta de parochia para commemorar o casamento do mesmo principe.

Emquanto se distribuiam os premios, fazia-se ouvir o magestoso orgão do Palacio, as flores desfolhadas choviam sobre a familia real e centenares de vozes infantis erguiam clamorosos vivas.

Terminada a ceremonia, el-rei adiantou-se no estrado e no meio de um profundo silencio proferiu, commovido, as seguintes palavras dirigidas aos alumnos:

«Sois apenas creanças hoje; mas n'este momento recebesteis o verdadeiro galardão dos vossos trabalhos escolares. É a primeira prova, a primeira recompensa que adquiris e isto deve ser um grande incentivo para continuardes n'essa senda de prosperidade; não vos desvieis d'ella, que é o caminho do bem; segui-a sempre; é um conselho de amigo que vos dou. Tende sempre presente á memoria o respeito ás leis, e no coração o principio da moralidade; assim honrareis vossos paes e a vossa familia; tornai-vos dignos cidadãos do Estado e peço-vos que sejaes sempre reconhecidos a quem vos fizer bem; sobre tudo sêde portuguezes e sêde gratos e gravai este principio no vosso coração.»

Ao terminar este discurso, irromperam de todos os pontos da vasta nave estrepitosas acclamações, e das galerias as senhoras agitavam lenços brancos. O espectaculo era então surprehendente.

A familia real sahiu do Palacio no meio das mais festivas saudações, seguindo para a casa da Associação dos Bombeiros Voluntarios, onde ia proceder á distribuição das medalhas aos bombeiros agraciados por actos de intrepidez e humanidade.

No entretanto era servida, na Grande Avenida dos jardins do Palacio, uma refeição aos alumnos das escolas.

Durante a distribuição dos premios fôra vendido por alumnas um numero especial da *Federação Escolar*, distribuindo-se ao mesmo tempo uma poesia impressa.

A casa dos Bombeiros Voluntarios estava festivamente ornamentada, dando n'ella entrada Suas Magestades e Altezas sob nuvens de flores e no meio de uma ovação enthusiastica feita pelos bombeiros voluntarios e pelos municipaes do Porto e Gaya, postados em alas.

Na sala das sessões, além do sr. Cardeal D. Americo, do sr. governador civil, camara municipal e outras auctoridades que tinham assistido á festa do Palacio, viam-se muitas senhoras e convidados.

Na mesa da presidencia tomaram logar o presidente da associação sr. Manuel Vieira de Andrade e os secretarios os srs. José de Sousa Rangel e Augusto Pereira Barbedo Junior.

A familia real, ministros e pessoas da comitiva

occuparam as cadeiras que lhes estavam destinadas.

O sr. prasidente deu principio á sessão começando por saudar a presença da familia real n'aquella casa e enumerou em seguida as acções heroicas que enobrecem os Voluntarios do Porto. Terminou agradecendo a Suas Magestades e Altezas a honra que se dignaram dispensar á Associação assistindo áquella solemnidade.

Seguiu-se o sr. presidente da camara que declarou associar-se áquella brilhante festa não só como presidente da municipalidade mas tambem como vereador do pelouro dos incendios, acrescentando que as acções de heroismo não são só aquellas que se praticam nos campos de batalha, mas eram-o egualmente as de abnegação quando se arriscava a vida para salvar a dos seus similhantes.

rector e fundador d'aquelle prestante estabelecimento de caridade, o reverendo Sebastião Leite de Vasconcellos, que proferiu um discurso fazendo a historia d'aquella casa, onde encontravam amparo e ensino muitas creanças vagabundas arrancadas ao crime, algumas das quaes já haviam expiado os seus delictos nas prisões.

A familia real percorreu em seguida as diversas officinas, na maior parte das quaes, cada educando dirigia uma commovente allocução aos regios visitantes, narrando os seus infortunios e mostrando o valioso soccorro que tinham encontrado, no estabelecimento que lhes servia de asylo e de escola e onde se estavam regnerando pelo trabalho e pelo estudo.

Em cada uma das referidas officinas os educandos fizeram as seguintes offertas a Suas Magestades e Altezas.

Os outros membros da familia real tambem deixaram inscriptos os seus nomes.

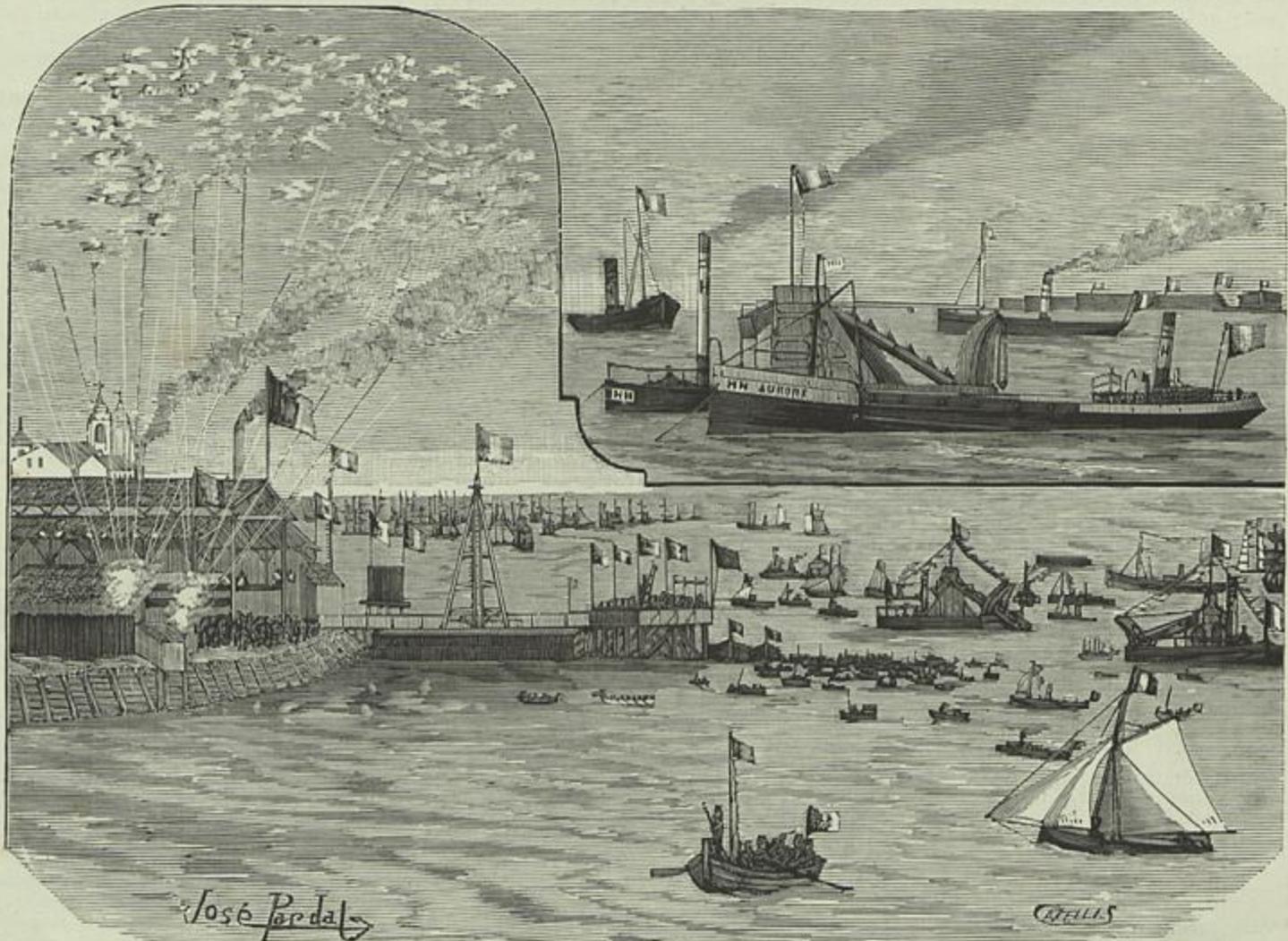
A familia real dirigiu-se depois para a ponte Luiz I, que percorreu, admirando aquella grandiosa obra e d'alli seguiu para o paço.

A noite realisou-se no salão Gil Vicente do Palacio de Crystal o espectaculo por amadores, em beneficio da Créche de S. Vicente de Paulo e do Real Hospital de Creanças Maria Pia, cantando-se a graciosa opera de Rossini, *O Barbeiro de Sevilha.*

Foi uma das festas mais magnificentes, no seu genero, que se tem realisado n'esta cidade.

A elegante sala via-se repleta de tudo quanto ha de mais elevado e selecto na sociedade portuense.

O desempenho da opera foi um novo triumpho para os amadores que pela terceira vez a interpretavam, e especialmente para a sr.ª D. Ma-

INAUGURAÇÃO DAS OBRAS DO PORTO DE LISBOA

LANÇAMENTO DAS PRIMEIRAS PEDRAS NAS OBRAS DO PORTO DE LISBOA, POR SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ I

(Desenho feito na occasião pelo artista amador sr. José Pardal)

Fallou depois o sr. padre Francisco Patricio, proferindo um bello discurso que foi ouvido no meio de salvas de palmas.

El-rei fez em seguida a distribuição das medalhas, collocando-as ao peito dos agraciados, que eram os bombeiros municipaes Antonio Ribeiro Junior, João Ferreira da Costa e José Soares e os bombeiros voluntarios Arminio von Doelinger, Luiz da Terra Pereira Vianna, Joaquim Francisco Paredes, Rodolpho José de Araujo, Arthur da Silva Moura, Armindo da Fonseca Barros e Antonio Rodrigues da Cruz, ex-bombeiro voluntario e redactor do *Jornal da Manhã.*

Ao terminar a distribuição, houve repetidos vivas a todos os membros da familia real e então el-rei, erguendo-se, disse:

—Honra aos bombeiros voluntarios do Porto!

O enthusiasmo foi então indiscriptivel, repercutindo-se na multidão que se agglomerava na rua.

Os bombeiros voluntarios em um transporte de regosijo, ladearam o coche de el-rei e victoriando sempre a familia real, acompanharam-a á officina de S. José, onde foi recebida pelo di-

Na de serralheiro, á Sr.ª D. Maria Pia, um agulheiro de metal feito ao torno; na de carpinteiro, um paliteiro de buxo, tambem torneado; na de alfaiate, a el-rei, um par de calças de casimira ingleza com forros de setim azul e branco; na de encadernador, um exemplar, encadernado, dos Estatutos do estabelecimento e na de sapateiro, um par de sapatos, a el-rei.

A familia real visitou em seguida o dormitorio e outras dependencias do modesto edificio, pedindo o seu benemerito director para elle, a protecção dos monarchas e offerecendo a el-rei, em commemoração d'aquella visita, um logar na officina para um orphão de pae e mãe que Sua Magestade desejasse mandar alli educar.

Sua Magestade agradecendo este offerecimento, disse que o acceitaria.

Antes de se retirar, el-rei escreveu no livro dos visitantes que estimára muito ter tido occasião de visitar aquelle util e benefico estabelecimento, que fazia grande honra ao seu instituidor e que proseguisse este sempre na senda do bem e do trabalho, porque Deus abençoaria os seus esforços.

ria Henriqueta Viterbo, que nas variações de Proch, obteve uma calorosa ovação, mesmo das proprias pessoas reaes.

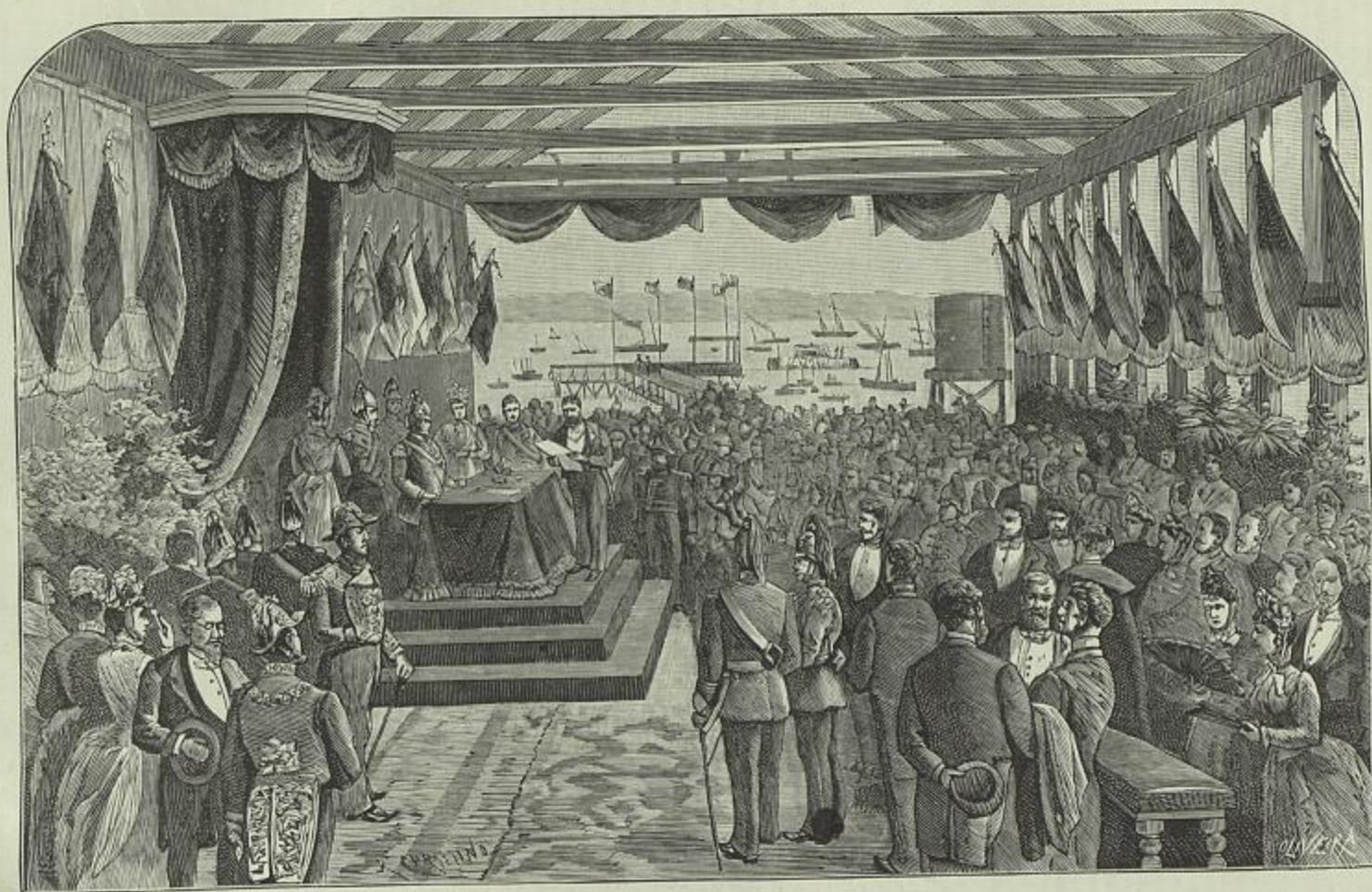
Estas, no final do 2.º acto, mandaram chamar ao seu camarote os principaes interpretes da partitura, offerecendo-lhes ricos bouquets com largas fitas azues e brancas franjadas de ouro e a data da festa, encimada pela corôa real.

Pela sua parte Suas Magestades tinham sido tambem brindadas no final do 1.º acto com bouquets e com os diplomas de socios honorarios do Hospital de Creanças, que lhes foram entregues por duas filhinhas do sr. Delfim de Lima.

Os papeis principaes da opera foram desempenhados pelas sr.ªs D. Henriqueta Viterbo e D. Laura Gasparinho, e pelos srs. Antonio Julio Machado Frank de Castro e Ferdinand Claus.

Ao terminar o espectaculo, o publico fez uma saudação calorosa aos monarchas, agitando as senhoras os lenços e erguendo repetidos vivas os espectadores, manifestação com que Suas Magestades e Altezas se mostraram muito penhoradas.

R.

INAUGURAÇÃO DAS OBRAS DO PORTO DE LISBOA

ASSIGNATURA DO AUTO DE INAUGURAÇÃO DAS OBRAS DO PORTO DE LISBOA — (Desenho feito na occasião por J. R. Christino

AS NOSSAS GRAVURAS

INAUGURAÇÃO DAS OBRAS DO PORTO DE LISBOA

N'um livro — *Discription de la ville de Lisbonne*, impresso em Paris com a data de 1730, dá-se noticia de um projecto de obras no porto de Lisboa, que el-rei D. João V queria fazer. (1)

Por isto se vê que a idéa de melhorar as condições do porto de Lisboa, data, pelo menos, do primeiro quartel do seculo passado, tendo depois o marquez de Pombal tambem a mesma idéa, quando tratou de levantar Lisboa das ruinas em que o terremoto de 1755 a sepultou.

Chegou então a fazer um projecto o engenheiro e architecto hungaro Carlos Mardel, o qual, como se vê, não teve execução, talvez pela sahida do Marquez de Pombal do governo.

Em 1854 renovou-se a mesma idéa, por uma concessão feita a Clarange Lucote e Debrouse, a qual caducou, sem deixar, em verdade, saudades, pois pouco vantajosa era para o commercio de Lisboa.

O engenheiro João Evangelista de Abreu, fez, em 1865, um projecto de obras do porto de Lisboa, que não teve melhor sorte que os antecedentes.

Novamente voltou a campo esta questão, em 1869, por meio de um projecto assignado pelos srs. Visconde de S. Januario e engenheiro Mendes Guerreiro, apresentado ao, então, ministro da fazenda, o fallecido c[illegible]heiro Anselmo José Braamcamp, e d'esta [illegible]m diante, é que se póde dizer que nunca [illegible] deixou de preoccupar os poderes publicos éste grande melhoramento da capital.

O engenheiro Thomé de Gamond apresentou ao governo, em 1870, um novo projecto; e no anno seguinte o sr. conselheiro José de Mello Gouveia, ao tempo ministro da marinba, nomeou uma commissão para estudar as obras do porto Lisboa, composta dos srs. Caetano Maria Batalha, Gilberto Antonio Rolla, Caetano Pereira Sanches de Castro, Ladislau Miceno Machado Alvares da Silva, José Joaquim de Almeida e Bento Fortunato de Moura Coutinho Almeida d'Eça.

Tomou parte muito activa n'esta questão a Associação dos Engenheiros Civis, discutindo e publicando na sua *Revista* varios artigos a respeito das obras do porto de Lisboa, firmados pelos srs. Valladas, Julio de Vasconcellos e Mendes Guerreiro; e o distincto engenheiro sr. Miguel Carlos Correia Paes, não pugnou menos pela realisação d'estas obras, publicando varios artigos no *Diario de Noticias*.

Por este tempo alguns engenheiros extrangeiros se occuparam d'este assumpto, e os srs. Alanethy, Golla e Coode apresentaram projectos importantes, que chamaram a attenção do sr. Hintze Ribeiro, n'essa época ministro, o qual nomeou uma nova commissão, que primeiro se compoz dos srs. Visconde de S. Januario, José Gregorio da Rosa Araujo, Antonio José Pereira Serzedello Junior, Carlos Ferreira dos Santos Silva, João Maria Esteves de Freitas, Francisco Maria Pereira da Silva, Eduardo Ferreira Pinto Basto, Angelo José Moreira, Antonio José Gomes Netto, Manuel Affonso de Espergueira e AugustoFuschini, e a que depois foram aggregados os srs. Estevão Antonio de Oliveira Junior, José Luiz Quintella Emauz Gonçalves, Bento Fortunato de Moura Coutinho Almeida d'Eça, Miguel Carlos Correia Paes, e João Verissimo Mendes Guerreiro.

O plano elaborado por esta commissão foi o que serviu de base á proposta de Fontes Pereira de Mello apresentada ao parlamento em julho de 1885 sobre as obras do porto de Lisboa, e que deu em resultado a lei de 16 d'esse mez firmada por aquelle estadista.

Sabem todos quanto Antonio Augusto d'Aguiar se empenhou n'esta questão, e as circumstancias que o levaram a depôr a pasta de ministro das obras publicas, por não poder converter em lei a construcção projectada, e que sahindo do poder veiu fazer larga propaganda no sentido de vêr realisada aquella construcção.

(1) O distincto engenheiro sr. Miguel Carlos Correia Paes, falla d'este projecto no 2.º volume do seu magnifico livro *Melhoramentos de Lisboa e seu Porto*.

A referida lei de 16 de julho de 1885 que pôz a concurso o projecto das obras do porto de Lisboa, deu logar á apresentação de varios projectos nacionaes e extrangeiros que não vem agora para aqui o apreciar-os, sendo d'entre aquelles approvados os denominados do *Grupo Nacional* A e B elaborados o primeiro, pelos engenheiros portuguezes srs. João Joaquim de Mattos, Bento Fortunato de Moura Coutinho Almeida d'Eça, José Joaquim de Paiva Cabral Couceiro, Manuel Affonso Espergueira, Adolpho Ferreira Loureiro, Candido Xavier Cordeiro, Frederico Ressano Garcia e Augusto Fuschini, e o segundo pelo engenheiro francez Guerard director das obras do porto de Marselha, collaborado pelos citados engenheiros portuguezes que fizeram o projecto A.

Estes projectos, porém, apesar de terem sido os preferidos, não são os que vão ser executados. Soffreram grandes alterações, que a Junta Consultiva de Obras Publicas e Minas entendeu conveniente, dando em resultado um novo projecto definitivo, elaborado pelo engenheiro sr. João Joaquim de Mattos inspector geral do corpo de engenheiros de obras publicas, a execução do qual o governo pôz a concurso.

Desde este momento deixaram as obras do porto de Lisboa de ser uma lenda dos seculos, e coube ao digno ministro das obras publicas, o sr. Emygdio Navarro, a gloria de firmar o decreto que mandou pôr a concurso as referidas obras, tão reconhecidamente uteis e do maior alcance para Lisboa e para Portugal.

Entre as differentes propostas apresentadas, foi considerada mais vantajosa a do sr. Hersent, empreiteiro experimentado na execução de obras edenticas, de que a ultima foi a do porto de Anturpia.

Assim que foi adjudicada ao sr. Hersent a construcção do porto, logo principiaram os preparativos para o seu começo, e com quanto se tivesse calculado que a inauguração solemne dos trabalhos se realisaria no mez de agosto, essa inauguração só se poude verificar no dia 31 de outubro ultimo, dia já assignalado por ser o anniversario natalicio de el-rei D. Luiz, e agora duas vezes memoravel por este facto da mais elevada importancia para a nação.

E' com verdadeiro regosijo que hoje registamos nas paginas do Occidente a inauguração das obras do porto de Lisboa, e fomos pedir ao lapis e ao buril as gravuras que illustram este acontecimento ha tantos annos esperado.

Os retratos que adornam a primeira pagina são: o do sr. Emygdio Navarro, intelligente e activo ministro das obras publicas que pôz a concurso as obras do porto de Lisboa e assistiu á sua inauguração; o do director e fiscal das mesmas obras sr. João Verissimo Mendes Guerreiro, engenheiro, que tomou parte tão activa nos projectos; e o do sr. Hersent empreiteiro da construcção.

A gravura da quarta pagina cujo desenho magnifico foi feito na occasião pelo collaborador artistico do Occidente sr. José Pardal, representa o momento em que foram precipitadas no fundo do Tejo as pedras contidas em uma das barcaças, vendo-se na parte superior da gravura o vapor *Aurore* e outros da empreza constructora.

Aquelle momento foi de verdadeiro enthusiasmo.

A familia real chegára, pelas 4 horas da tarde, á officina de Alcantara que se achava transformada n'um bello salão vistosamente decorado, tendo ao lado esquerdo um docel de velludo carmezim encimado pelas armas reaes.

Era esperada por grande numero de convidados e pelo ministerio, engenheiros srs. Mendes Guerreiro, Mattos e Hersent, presidente e membros da commissão executiva da Camara Municipal, presidente e alguns socios da Associação Commercial, da Associação Industrial Portugueza, da Associação dos Logistas e dos Empregados no Commercio, etc.

Pouco depois a familia real dirigiu-se para a ponte, no fim da qual estava armado um toldo, e alli El-Rei puchou um cordão que communicava com a barcassa d'onde se lançaram ao rio as pedras a que já nos referimos.

Subiram então ao ar grandes girandolas de foguetes, e as musicas regimentaes, que se achavam formadas na margem do rio, tocaram o hymno que se misturava com os vivas enthusiasticos da multidão e com os silvos agudos dos vapores da empreza constructora e outros alli reunidos, formando um côro extranho e desusado, que bem poderia dizer-se que a industria e o progresso também entoavam o seu hymno glorioso, n'aquelles silvos desprendidos do grande motor que tem sido a sua mais poderosa alavanca — o vapor.

A gravura da quinta, pagina feita sobre um desenho do sr. Christino, nosso collaborador artistico, representa o acto da assignatura do auto da inauguração, antes do que foram lidas tres allocuções commemorativas, do sr. Fernando Palha, presidente da Camara Municipal; do sr. Rosa Araujo, presidente da Associação Industrial Portugueza; e do sr. Polycarpo Anjos, presidente da Associação Commercial de Lisboa.

El-Rei respondeu a estas allocuções, manifestando a grande satisfação que sentia em ter inaugurado aquellas obras de que tanto havia a esperar para o engrandecimento d'este reino.

Devemos notar o discurso do digno presidente da Camara Municipal sr. Fernando Palha, pela maneira levantada e justa com que pugnou pelo engrandecimento de Lisboa, para o que lhe faltava os rendimentos que de ha muito se acha privada pelo thesouro publico, lamentando s. ex.ª, por este motivo, que não fôsse a camara a iniciadora das obras que se acabavam de inaugurar.

Assignado o auto pela familia real, presidentes da Camara, da Associação Commercial e Associação Industrial, engenheiros, pessoas da côrte, funccionarios, etc, terminou a ceremonia.

O povo de Lisboa concorreu em massa a assistir a esta festa verdadeiramente sua, que o enchia de alegria e de bem fundadas esperanças; e, além do dia ser de gala e por isso feriado para as repartições publicas, a alfandega tambem fechou ás 2 horas e a maior parte dos estabelecimentos commerciaes tambem fecharam, o que mais fez augmentar a concorrencia de espectadores.

Agora que está iniciado o grande melhoramento do porto de Lisboa, procuraremos informar os nossos leitores, publicando noticias e gravuras das obras, á maneira que ellas forem progredindo.

GENERAL LOBO D'AVILA

O exercito portuguez acaba de soffrer uma perda irreparavel com a morte do general Lobo d'Avila, que á sciencia militar reunia a pratica dos campos de batalha, em que tanto se distinguio, combatendo pela causa da liberdade.

E já grande a fileira d'estes heroes que se acoita á sombra dos cyprestes, e que deposeram as suas armas e os seus loiros á porta da eternidade, principiando a viver para a historia; e cada um que fallece, é como que um ramo que cahe d'essa frondosa arvore da liberdade, que elles plantaram no solo da patria, que regaram com o seu sangue, que ampararam com os seus braços valentes, e á sombra da qual nós hoje disfructamos as regalias outhorgadas.

O general Lobo d'Avila, foi um dos que mais se esposeram, dos que mais se esforçaram por essa liberdade ambicionada, que havia de regenerar este paiz abatido e olvidado, no extremo occidente da Europa, depois de tantos seculos de explendor.

Se tentassemos fazer a biographia do illustre general, teriamos que escrever paginas gloriosas dos seus feitos, mas não é esse o nosso proposito, faltam-nos os dados sufficientes e o espaço, por isso apenas deixaremos aqui algumas notas com que acompanharemos o seu retrato que o Occidente hoje enfileira na sua galeria de homens illustres.

Francisco de Paula Lobo d'Avila nasceu em Lagos, no principio d'este seculo, e era filho do coronel Joaquim Anastacio Lobo d'Avila e de D. Marianna de Mendonça Pessanha pertencente a uma das mais distinctas familias do Algarve.

Em 10 de fevereiro de 1823 assentou praça no regimento de infanteria n.º 10, e em junho de 1827, foi promovido a cadete, sendo-lhe dado o posto de alferes, em 9 de julho do mesmo anno.

A este tempo já tinha feito as campanhas de 1826 a 1827, combatendo nas acções de Ponte da Cabra, Coruche e Cruz dos Moroiços.

N'aquelle posto teve de emigrar para a Galliza, em 1828, salvando uma das bandeiras do seu regimento, levando-a cingida ao corpo, e convidando o porta-bandeira Girão a proceder da mesma fórma com a outra bandeira, conseguindo assim occultal-as ás vistas das auctoridades hespanholas.

Estas bandeiras, que haviam servido nas campanhas da peninsula, foram entregues de novo ao regimento, no cerco do Porto, e hoje conservam-se como recordação honrosa no museu militar do arsenal do exercito.

Lobo d'Avila iniciava a sua carreira militar combatendo pela liberdade, e tendo de emigrar para o extrangeiro para não ser victima do governo contra que combatia.

Da Galliza passou para Inglaterra e depois para a ilha Terceira, a juntar-se com os liberaes que

alli organisavam as forças com que haviam de vir a Portugal.

Tomou parte na restauração das ilhas do Fayal e de S. Jorge, sendo então 1.º tenente de artilheria n.º 1. Na ilha de S. Miguel desempenhou as funcções de inspector do arsenal, até que veiu com o exercito libertador desembarcar nas praias do Mindello, no posto de capitão do estado maior para que fôra nomeado em 4 de abril de 1833.

Nas campanhas que se seguiram tomou parte activa, distinguindo-se valorosamente, no cêrco do Porto e na batalha da Asseiceira, o que lhe valeu o habito da Torre e Espada e o de Nossa Senhora da Conceição, acompanhando o exercito em todas as suas acções até á convenção de Evora Monte.

Foi nomeado pela Junta do Porto, ministro da guerra, cargo que desempenhou com distincção não inferior aos creditos do seu valor militar. No parlamento representou o circulo de Ovar.

Conservou-se sempre em serviço activo no exercito, seguindo postos no estado maior de artilheria, e sendo nomeado em 1864, commandante da brigada de instrucção do Porto, depois commandante geral interino da arma de artilheria de que passou a effectivo, reformando-se em general de divisão, em 25 de julho de 1865.

Tendo-lhe sido conferida pelo governo, em dezembro de 1864, a medalha de ouro de valor militar e a de prata de comportamento exemplar e bons serviços, levantou-se a este respeito grande discussão na camara dos pares, discussão a que não foi estranha a politica partidaria e que deu em resultado a publicação de um folheto, *A questão da concessão das medalhas militares ao general Lobo d'Avila*, no qual se demonstrava a justiça com que lhe tinha sido conferida aquella distincção, pelos seus serviços.

O general Lobo d'Avila era irmão dos srs. general de brigada José Maria Lobo d'Avila, par do reino, ministro de estado honorario e membro do Supremo Tribunal de Guerra e de Marinha, do sr. conde de Valbom e da sr.ª D. Maria do Carmo Lobo d'Avila esposa do sr. conselheiro Joaquim José da Graça, coronel do exercito.

Falleceu no dia 27 de outubro findo, na cidade do Porto, onde vivia ha annos.

Enviamos os nossos pesames á sua illustre familia.

O MUSEU INDUSTRIAL E COMMERCIAL DE LISBOA

(Continuado do n.º 315)

VII

Na 3.ª secção notam-se os seguintes grupos. O grupo 25, composto das classes 229 a 235, encerra materias primas de branqueamento e de tinturaria.

O grupo 26 contem as classes 236, 237, 238, 239 e 240, e é representado especialmente por tres expositores de fiação e tecidos de linho: a Companhia Nacional de Fiação e Tecidos, de Torres Novas, que expõe amostras de brins, cotins, lonas, pannos de linho, alcatifas, passadeiras de juta e linho, etc.; a Companhia Alliança, em Alcantara, que expõe linho adamascado; e os srs. Antonio da Costa Guimarães, Filho & C.ª, que apresentam magnificas manufacturas de linho, em que figuram alguns novellos de linha muito empregada no fabrico de rendas de Peniche, Algarve, Vianna do Castello e outras localidades.

O grupo 27.º compõe-se de fios e tecidos de algodão e comprehende as classes 241, 242, 243, 244, 245 e 246. O unico expositor na classe 241 é a Companhia de Fiação Portuense, com fabrica na rua de Montebello, do Porto. Expõe trama crua e branqueada, teia crua e anilada e fio torcido branqueado e anilado. Fundou-se em 1860. Do Porto ha outros expositores de fio e tecidos de algodão, devendo mencionar-se especialmente a Companhia Fabril de Salgueiros. O sr. Mariani, de Villa Nova de Gaya, expõe uma collecção de amostras de cotins e riscados, fio em meada e linha. Os srs. Costa Arantes & Filhos, do Porto, apresentam, além de amostras de cotins e riscados, alguns padrões de lenços. Compõe-se de 280 exemplares a collecção de cotins de algodão e linho, riscados, casimiras, lonas, flanellas, baetas, etc., que expõe a fabrica da rua da Piedade, Porto, pertencente á firma Marinho & Irmão. Os srs. Bahia & Genro, do Porto, enviaram 117 amostras de baetas, flanellas, riscados, lonas, cobertores, chales, linhagens e outras fazendas analogas.

As fabricas de Lisboa tambem se fizeram representar, entre ellas, a Associação Fraternal dos Fabricantes de Tecidos e Artes Correlativas, cuja fabrica é na travessa do Fiusa, em Alcantara. Apresenta toalhas e guardanapos lisos e lavrados. Tambem apresenta boas amostras de linha de varias côres e grossuras a fabrica do sr. Parreira, situada na rua do Bemformoso.

É importantissima a collecção apresentada pela Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, fundada em 1838, e com fabrica nos terrenos marginaes ao Calvario, tendo além d'esta uma outra em Almada. Em frascos de vidro vêem-se diversas amostras de fiação e tecelagem. Como industria caseira figura n'este grupo algumas mantas feitas de trapo, usadas na provincia.

De estamparia nacional apenas uma fabrica se fez representar, e esta é a dos srs. Pinto & C.ª, em Alcantara. Exhibe chitas, zuartes, lenços, aventaes, cobertas, e ao lado das duas vitrines em que estas amostras se acham, vêem-se as fôrmas de madeira e o resultado na chita, para explicar o processo da estamparia nacional.

(Continua). *João de Mendonça.*

FONTES PEREIRA DE MELLO

XXI

Esse ministerio, que durou cinco annos, foi a manifestação mais completa e mais brilhante dos talentos de estadista que distinguiam este politico eminente. Como ministro da fazenda ligou, já o dissemos, o seu nome a importantes medidas financeiras; como ministro da guerra, devem-se-lhe sobre tudo o armamento do exercito, que se elevou á altura em que se achavam os outros exercitos europeus. Magnificas peças Krupp substituiram nos nossos regimentos de artilheria e nas muralhas das nossas fortalezas as velhas peças, que eram já uma vergonha e um escarneo, no momento em que passava por uma transformação radical o material de artilheria europea. A infanteria teve boas espingardas dos systemas então mais apregoados. As fortificações de Lisboa deveram, n'essa epoca, a Fontes o seu impulso definitivo, realisando-se d'essa fórma o sonho querido de Sá da Bandeira, e para completar a defeza da capital veiu o couraçado *Vasco da Gama*, um dos melhores navios do seu systema que tem a marinha europea, fluctuar nas aguas do nosso Tejo. Foi combatida a compra do couraçado, mas os que de boa fé a combateram, fizeram-n'o, não porque julgassem esse navio mau ou pouco util, mas porque entendiam que a principal defeza do porto de Lisboa devia consistir nos torpedos, e por elles queriam que se principiasse. A esses respondeu Fontes annos depois, sendo o primeiro tambem a comprar os barcos torpedeiros, e a estabelecer a escola de Paço d'Arcos.

O relatorio de 1874, um dos mais bellos documentos officiaes de que temos conhecimento, assignalava os progressos feitos tanto na organisação do exercito como na defeza geral do paiz, indicava o muito que havia ainda a fazer, e affirmava de um modo brilhante as poderosas faculdades do ministro que o firmava.

Mas sobre tudo o que torna notavel esta administração é o acerto, a prudencia, a firmeza com que foi dirigida a politica geral. Fundou-se em Hespanha a republica, e, quando todos suppunham que em Portugal se sentiria a repercussão d'esse movimento, que se nos contagiaria a febre revolucionaria, deu Portugal á Europa o exemplo brilhante da mais serena tranquillidade, no momento em que o paiz visinho se debatia nas garras da mais cruel e da mais feroz anarchia. Outro ministro qualquer, sobre tudo receioso do perigo do contagio, auxiliaria tanto quanto possivel as manobras dos monarchistas em Hespanha, e manifestaria claramente as suas sympathias pela causa da realeza. N'isso se manifestou sobre todo o alto bom senso de Fontes Pereira de Mello. Cumprindo lealmente os deveres de boa visinhança, mantendo-se escrupulosamente estranho a qualquer manobra revolucionaria ou reaccionaria, soube merecer igualmente a gratidão de Figueras, de Pi y Margall, de Castelar ou de Serrano. A sua attitude correctissima deveu Portugal não dar o minimo pretexto ao governo republicano para tentar accender em Portugal o mesmo facho que ardia em Hespanha, e, quando todos imaginavam que a prosperidade de Portugal seria muitissimo prejudicada pelas convulsões do paiz visinho, foi exactamente n'esse periodo que essa prosperidade augmentou de um modo assombroso, e que os nossos fundos subiram prodigiosamente.

Os melhoramentos publicos iniciados por Fontes Pereira de Mello principiavam tambem a produzir os seus resultados. O caminho de ferro do norte estava alcançando um rendimento notavel, as linhas do Douro e Minho iam-se abrindo troço a troço e mostravam tambem que haviam de ser rendosissimas. O progresso da riqueza publica tornava-se dia a dia mais sensivel, e, se a crise bancaria de 1876 veiu mostrar que se caminhára até com demasiada velocidade, essa mesma crise serviu para pôr em relevo as altas qualidades governativas de Fontes Pereira de Mello, porque foi o credito do governo que amparou o credito dos Bancos, inclusivamente o do Banco de Portugal.

No anno immediato caiu o ministerio, não diante dos ataques da opposição, apezar d'esta se ter robustecido com o pacto da Granja que fundiu n'um só partido—o *progressista*—os dois grupos historico e reformista, mas simplesmente porque os ministros estavam physicamente fatigados da sua persistencia nas cadeiras do poder. Cinco annos de governo, em condições de lucta perseverante, e no meio de difficuldades de todo o genero, não podiam deixar de fatigar as mais robustas constituições. Uma doença de Fontes Pereira de Mello tornou mais frisante a impossibilidade de se protrahir o combate. O ministerio caiu, e, como não houvera moção alguma que determinasse a sua queda, nem a corôa manifestára de qualquer fórma que deixára de ter confiança no gabinete, o poder passou não para a opposição progressista, mas outra vez para o marquez de Avila, de quem os regeneradores o tinham herdado.

Foi então que Fontes Pereira de Mello deliberou fazer uma viagem ao estrangeiro, viagem puramente de recreio, mas em que póde ver a alta reputação que adquirira na Europa. Em toda a parte o receberam com as maximas attenções, e com as maximas honras. Em Madrid, quando tomou logar na tribuna, o Congresso fez-lhe uma manifestação imponentissima, e foi então que um dos mais celebres oradores hespanhoes empregou a famosa phrase *mientras vuelve*, que foi lembrada depois quando Fontes reassumiu o poder. Em França e na Allemanha os chefes do Estado trataram Fontes Pereira de Mello com distincções superiores áquellas com que é de uso receber-se qualquer personagem que não seja principe, ou não pertença ao governo do seu paiz. Era a recompensa da correcção suprema com que Fontes governára, era o reconhecimento de que ao seu talento de estadista devia Portugal a consideração de que estava gosando novamente no mundo.

Entretanto o governo do marquez de Avila mostrava-se mais hostil do que se esperava ao partido regenerador. O ministro das obras publicas Barros e Cunha abriu contra os seus antecessores uma campanha em regra. O partido regenerador magoou-se e fez a Fontes Pereira de Mello, quando regressou do estrangeiro, uma imponente manifestação. Tudo mostrava que a campanha parlamentar seria rude e que o marquez de Avila iria encontrar diante de si os seus antigos alliados.

Assim succedeu, e a maioria, ainda regeneradora, da camara dos deputados infligiu um cheque ao governo na resposta ao discurso da corôa. Esta resolução não foi da iniciativa de Fontes. Pelo contrario. A opinião dominante no partido foi que o arrastou. Entendia elle que uma restauração tão proxima da quéda, e levada a cabo por uma camara que estava proxima a terminar os seus dias, não era nem podia ser conveniente. Os acontecimentos deram-lhe razão. Em janeiro de 1878 Fontes Pereira de Mello era de novo chamado ao poder, e organisava o seu ministerio com Sampaio no ministerio do reino, os srs. Serpa na fazenda, Couto Monteiro na justiça, Corvo nos estrangeiros, Thomaz Ribeiro na marinha e Lourenço de Carvalho nas obras publicas. Foi perfeitamente ephemero. Durou dezeseis mezes, tendo-se gasto n'uma eleição geral, e tendo sobre tudo praticado o erro grave de não ter reprimido severamente os abusos de liberdade de imprensa, commettidos pelo *Diario Popular* e o *Progresso* que abriram contra o rei directa e pessoalmente uma campanha violentissima. Esse erro provinha ainda do espirito eminentemente liberal de Fontes Pereira de Mello. Recuou diante do pensamento de perseguir a imprensa, de levar ao banco dos réus homens como o sr. Marianno

de Carvalho e o sr. Emygdio Navarro, cujo valor politico era elle o primeiro a reconhecer. Esta tolerancia porém deu os mais funestos resultados, e politicamente produziu a queda do governo. Effectivamente na situação em que os progressistas se tinham collocado não havia senão este dilemma: ou os srs. Marianno e Navarro, atacando o rei cada vez com mais violencia, eram fatalmente levados para o partido republicano, ou o partido progressista entrava no poder. Foi este ultimo caminho o que se seguiu.

XXII

O ministerio progressista, que subiu ao poder debaixo da presidencia de Anselmo Braamcamp, durou apenas vinte e dois mezes. Não vamos historiar a sua administração, não por querermos evitar o mettermo-nos no campo da politica, ideal absolutamente impossivel de attingir quando se trata de biographar um homem politico, mas porque, restringindo-nos á apreciação da attitude e do procedimento de Fontes Pereira de Mello, nada temos que vêr com o modo como adversarios desempenharam a sua missão governativa. Lembramos apenas que, tendo entrado o partido progressista no poder depois de uma campanha violenta emprehendida contra a corôa, Fontes Pereira de Mello escrupulosamente se absteve não só de os imitar — nem por sombras isso lhe passaria pela mente — mas de lhes lançar em rosto na camara a falsidade da sua posição, achando-se ministro de um soberano, a quem elles e o seu partido haviam movido uma guerra perfeitamente pessoal.

Chefe reconhecido e indisputado da opposição, Fontes Pereira de Mello, sem reprimir o ardor dos combatentes que amavam as suas esporas de ouro na lucta contra o ministerio, manteve-se na camara dos pares n'uma attitude perfeitamente moderada.

Sendo o primeiro a reconhecer que o Thesouro carecia de novos impostos para acabar com a ulcera do *deficit*, não votou contra o imposto de rendimento, apesar de o considerar altamente vexatorio. Não queria assumir a responsabilidade de negar ao governo os meios necessarios para occorrer aos encargos publicos, embora entendesse que a outra fonte se deviam ir buscar. Não o tinham imitado em moderação os seus adversarios, que nas suas propostas de impostos lhe moviam sempre a mais crua guerra.

Homem politico de vistas largas, sabendo calcular para o futuro, e não se sentindo nunca devorado pelas impaciencias do governo, desejava que o partido progressista se gastasse no poder, que mostrasse o que podia e o que valia, que applicasse o seu programma, e revelasse o fundo do seu pensamento governativo. Os acontecimentos porém foram mais fortes do que a sua vontade. A imprevista questão de Lourenço Marques lançou no caminho do governo uma pedra em que logo tropeçou, e de fórma tal que foi impossivel evitar a queda. Nada mais injusto do que accusar Fontes Pereira de Mello de ter promovido directa ou indirectamente a queda do governo progressista, e sobretudo de ter especulado com a arruaça. Nada mais contrario á indole de Fontes Pereira de Mello. Elle mesmo se ufanava de nunca ter tomado parte n'uma insurreição, nem sequer na de 1851, que o elevou comtudo ao poder. Nem provocou as arruaças, nem as desculpou, condemnou, como era o seu direito absoluto de opposicionista e o dever da sua consciencia, o modo como o governo se houvera nas circumstancias difficeis que atravessava. Se o governo não teve na camara dos pares maioria bastante para o cobrir contra os ataques da opposição, se a corôa entendeu que o ministerio progressista já não tinha no paiz força sufficiente para vencer as difficuldades da occasião, que culpa tinha d'isso o eminente estadista? Podia por acaso ser accusado de não conservar n'uma camara de que dispunha, a paz armada que até ahi mantivera até certo ponto, com o governo? Não de certo. O accordo tacito que se fizera no anno de 1880, e pelo qual nem a camara dos pares hostilisava profundamente o governo nas medidas essenciaes da sua administração, nem o governo propunha ao poder moderador fornadas que lhe alterassem a maioria, rompera-se desde o momento que o governo, não querendo continuar a viver á mercê de um adversario, propozera a el-rei duas fornadas successivas e numerosas. Era perfeitamente uma declaração de guerra, que Fontes acceitou como devia, e por isso no anno de 1881 se travou abertamente, a lucta.

GENERAL FRANCISCO DE PAULA LOBO D'AVILA

FALLECIDO EM 27 DE OUTUBRO DE 1887. — (Segundo uma photographia)

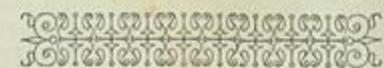
Os resultados mostravam que de nada tinham servido as fornadas. O centro fluctuante da camara dos pares inclinou-se no momento decisivo para o lado de Fontes, e o governo levou o cheque.

Tão pouco previa Fontes Pereira de Mello esse resultado que dias antes ainda affirmára que não acceitaria o poder, se elle viesse cair-lhe nas mãos. Procedia como procedem os chefes de partido inglezes, quando vêem que ainda não têem raizes sufficientes no paiz para poderem governar desassombradamente. Dava-se porém agora o caso de que, se Fontes se considerava ainda verde para a governação, o governo progressista é que se gastára em poucos mezes com uma rapidez incalculavel. Não havia de ficar jacente o poder. O partido regenerador entrou no governo, organisando-se porém, segundo as proprias indicações de Fontes Pereira de Mello, um gabinete presidido por Antonio Rodrigues Sampaio. Dois nomes n'essa occasião indigitára Fontes a El-Rei para a presidencia do gabinete — Rodrigues Sampaio e o sr. Antonio de Serpa Pimentel.

O que se disse então! Lembrou-se uma phrase de Fontes Pereira de Mello, quando dissera familiarmente n'um dos seus discursos que «lhe fazia arranjo a conservação do gabinete progressista.» De certo convem sempre a um chefe de partido ver o partido adverso obrigado a cumprir no poder as explendidas promessas feitas ao paiz na opposição. E, como o partido progressista não estava n'essa occasião muito em caminho de as cumprir, fazia arranjo ao chefe opposicionista a sua manutenção, que não podia redundar senão em seu descredito.

Quando, mezes depois, Fontes assumiu a presidencia do gabinete recomposto, atacou-o o sr. Marianno de Carvalho n'um violento e imaginoso discurso em que comparava a sua viagem para o poder com a viagem de Vasco da Gama, com escala pela presidencia do Banco Hypothecario, para a qual fôra eleito por morte do duque de Avila. Queria o actual ministro da fazenda dizer que Fontes não tomára logo as redeas do governo, depois da queda do governo progressista, porque primeiro quizera obter esse logar. Seria para isso necessario que Fontes tivesse adivinhado a morte do duque de Avila, que falleceu imprevistamente mez e meio depois da queda do gabinete Braamcamp. E demais não se encarregaram os acontecimentos de provar que não precisava Fontes Pereira de Mello de estar fóra do governo para ser eleito governador do Credito Predial? Quando morreu Fontes Pereira de Mello, não foi eleito para o substituir o sr. conselheiro José Luciano de Castro, sendo n'essa occasião presidente do conselho de ministros?

Accusações são estas que brotam no ardor da lucta, mas que infelizmente ficam estampadas nos archivos parlamentares ou nos annaes da imprensa periodica, e affrontam a memoria de homens assim, por tantos titulos, grandes e prestantes. Vem depois o arrependimento, vem depois a homenagem prestada diante do tumulo, mas a accusação ficaria de pé, se, em quanto é tempo, o biographo imparcial se não encarregasse de a desfazer.

(Continua). *Pinheiro Chagas*

RESENHA NOTICIOSA

A CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA E AS BELLAS ARTES. A camara municipal de Lisboa resolveu em sessão de 17 de novembro de 1886, sob proposta do digno vereador sr. Augusto Fuschini, o adquirir algumas obras d'arte de artistas nacionaes, no louvavel empenho de proteger e animar a arte nacional. Salutar exemplo de proteccionismo aos artistas portuguezes, que estamos certos produzirá os melhores resultados, levantando a arte nacional do grande abatimento em que tem jazido. Para corresponder áquella resolução da camara, organisou-se uma commissão de artistas composta dos srs. Victor Bastos, presidente, Ferreira Chaves, Alberto Nunes e Antonio da Silva Porto, á qual se reuniu o sr. Augusto Fuschini, iniciador da proposta, afim de resolverem o meio pratico da camara pôr em vigor a resolução votada. Esta commissão apresentou ultimamente á camara o programma de um concurso para a execução de um quadro historico representando *A partida de Vasco da Gama para a descoberta da India*, assumpto que a mesma commissão escolheu, entre mais dois que lembraram, e são: *Morte de Affonso de Albuquerque* e *Partida para a India do vice-rei D. Francisco de Almeida.* Pelo que se vê a commissão preferiu os assumptos historicos e ainda os que se ligam com as gloriosas descobertas dos portuguezes, no que muito a applaudimos, não só porque a pintura ou a esculptura historica é a que mais concorre para eternisar os fastos gloriosos de um povo, mas porque é ainda a arte por excellencia. É de esperar que a digna camara prosiga no seu empenho protector, abrindo em breve o concurso proposto pela commissão.

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa